



02 de Julho de 2015

EM DIA

A CILADA DOS JUROS



PEDRO DUTRA FONSECA

Professor Titular do Departamento de Economia e Relações Internacionais da UFRGS

A elevação da taxa de juro como medida para combater a inflação parece incontestável. Juros altos freiam os gastos. Com a sociedade gastando menos, os preços são forçados a cair. A inflação vai embora. Simples como o bê-á-bá.

Na prática, entretanto, as coisas são mais complicadas. Para começar, o remédio demora certo tempo para fazer efeito. Entre a elevação dos juros e a queda da inflação, acontecem coisas desagradáveis, que geram muitos descontentes e testam a resistência dos governos: queda da produção, elevação do desemprego e fechamento de empresas. É essa a fase em que nos encontramos agora.

Não precisa muita matemática para concluir que o corte de gastos necessário para bancar os altos juros é imenso

A demora depende das condições institucionais de cada país, assim como a dosagem. A experiência brasileira sugere que os juros precisam subir muito para que afetem a demanda e, posteriormente, os preços (o que chamamos em Economia de elasti-

cidade). Ou seja: mais que outros, temos que pagar com muita recessão para que a inflação comece a ceder.

Ademais, juros altos, como sabemos, punem devedores e favorecem credores. Como o governo é um grande devedor, o déficit público tende a aumentar. Não precisa muita matemática para concluir que o corte de gastos necessário para bancar os altos juros é imenso, em prejuízo dos investimentos públicos e dos gastos sociais. Essa política gera outra legião de descontentes, pois afeta saúde, educação, segurança e obras de infraestrutura.

No caso do Brasil, há ainda outro agravante: taxas de juro altas atraem capitais externos especulativos. O ingresso de dólares dá uma folga no balanço de pagamentos, como ocorre agora. Beleza, não fosse o fato de, com isso, o real se valorizar e se exportar menos, agravando ainda mais a recessão e o desemprego. O setor exportador sofre duplamente: com os juros e com o câmbio.

Como se vê, o foco da discussão não deve ser se o remédio é eficaz. O fato é que são tantas as contraindicações que, às vezes, causam mais mal do que a doença a ser combatida.